

A BATALHA



Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias
Administrador: Domingos Afonso Ribeiro
Propriedade da COMIS-
SÃO INTER-FEDERAL
Sede provisória:
Calçada Castelo Branco Saraiva, 42
Officinas: Rua da Atalaia, 114
Toda a correspondência para o APARTADO
N.º 329 — Lisboa
Número avulso \$30

(AVENÇADO)

DIVISIONISMOS

Em dois artigos nos referimos já à lembrança — parece que lembrança, apenas — de se tentar dividir mais o proletariado português, constituindo-se uma nova Central, segundo a corrente da Internacional de Amsterdam.

Falando do partido que a tenta, nós recordamos, muito ao de leve, o outro partido que desde o princípio da década que está a findar vem tentando fazer igual trabalho — coisa que de todos é sobejamente conhecida.

Mas vem de lá o órgão deste último e diz:

«Trata-se, e isto é indiscutível, de uma manifestação divisionista, que tem em vista, também, enfraquecer, mais ainda, o movimento operário e, simultaneamente, o que é grave, conduzir a reboque dum partido, que está, completamente, ao serviço do capitalismo um punhado de trabalhadores».

Neste naco de prosa adivinha-se uma confissão, quando diz que o fim em vista é, também, enfraquecer o movimento operário, parecendo deixar ver que para esse divisionismo enfraquecedor bem basta tal *órgão* e seus partidários.

Para a classe operária vale tanto o partido que deseja novo divisionismo como o que vem de há longo tempo fazendo idêntico trabalho com, aliás, mais graves perturbações.

Aquele está ao serviço do capitalismo?

Mas este não deixa de estar ao serviço do mesmo capitalismo.

Um está ao serviço do capitalismo particular; outro ao serviço do capitalismo de Estado.

De um ao outro, venha o diabo e escolha...!

Com o naco de prosa que transcrevemos parece querer dar-se a entender que tal divisionismo é penoso para quem assim critica tal acção.

Nisto, com em muitas outras manifestações deste partido, nota-se a duplicidade de carácter e de acção.

Quem ignora as manifestações ostensivas do pior dos divisionismos deste partido há 9 anos a esta parte?

Que foi a questão surgida na C. G. T., em 1921, e que determinou as irradiações de dois delegados?

Não foi logo a primeira manifesto-declaração da P. C., na qual se estabelecia o princípio de a organização sindical e confederal andar a reboque desse partido, uma outra manifestação divisionista?

Não foi em 1922-23 a constituição do Comité dos partidários da I. S. V. outra tentativa divisionista?

Não foram tentativas divisionistas

as manifestações de alguns organismos ao retirarem-se da C. G. T., em 1925?

E, posteriormente, não é essa Comissão Inter-Sindical outra tentativa divisionista?

E que diremos dessa outra tentativa, entre os trabalhadores rurais, de se criar um segundo organismo federativo, mentirosamente alheio a sugestões estranhas, quando é sabido que a mesma é obra dum estranho aos rurais e destes o mentor é mesmo um que se iludiu e envaideceu com uma candidatura de deputado?

Sim, que é tudo isto?

Que é essa obra horrivelmente nefasta de se andar, solapadamente, e bufar aos ouvidos dos incautos, envenenando os trabalhadores sinceros e desprevenidos, para fazer deles, não seres capazes de se emanciparem para, por sua vez, trabalharem pela emancipação dos seus irmãos de servidão, mas para desses ingénuos fazerem viboras destinadas a empoenhar o ambiente até então fraternal dos trabalhadores?

Que é essa obra de confusão, de escândalo, de suspeição, de intriga e de calúnia que se procura realizar no seio de todas as classes, senão trabalho enfraquecedor e divisionista?

Para que se colhem os nomes e endereços de militantes ou simpatizantes de cada classe, senão para particularmente os envenenar, a fim-de, nas respectivas classes, surgirem, como por encanto, agentes de

confusão que dividem, que enfraquecem, que realizam a obra de preparação para o assalto à organização pelo P. C.?

Para que buscam na província interessados no partido, senão para que estes, em comunicação com a sede do mesmo, — que pode mesmo ser a Comissão Inter-Sindical de Lisboa — se encarreguem, onde e como possam (todos os meios são bons...) de realizar a obra divisionista que ao mesmo partido convém?

Não será isto fazer, também, a obra divisionista e da pior?

Noutros tempos realizava-se acção doutrinária e educativa. Foi com a propaganda, feita à luz do dia, pela palavra ou pela imprensa, que se conseguiu levar a cabo a unificação do proletariado português.

Hoje, para se destruir o que levou anos a conseguir, bastam a intriga e a calúnia.

Um aviso aqui deixamos: não baixaremos a tal e tão funda desagradacão. Não responderemos ao insulto com o insulto; à calúnia com a calúnia. Mas nós seríamos cúmplices no trabalho negregado de desagregação, se nos continuássemos a manter silenciosos em face da obra nefasta que se está realizando.

Quem cala, consente. Não queremos polémica, mas faremos obra de elucidação, como avizo aos incautos. E basta, por hoje.

O AMOR

Entre os antigos, a deusa Venus ou Afrodite era o símbolo da beleza e do amor. Ainda que um pouco «sornoise», ela era fecunda, cheia de desejos ardentes e de encanto, e não encarnava somente as aspirações naturais do ser humano, mas também o seu ideal artístico. Dois deuses falsos estendem-lhe hoje cada vez mais insolentemente a mão para a arrastar para a lama: Baco que faz dela uma bruta vulgar e grosseira, e Manon ou o bezerro de ouro, que a transforma em prostituta venal. Ao mesmo tempo, um ascetismo religioso rígido, invejoso ou hipócrita, esforça-se, sempre em vão, por conservá-la encerrada numa camisa de forças. Possam os progressos da cultura e da ciência encontrar ainda força para a libertar, tanto desta camisa como da tirania dos seus dois infames «chulos», que a infame ignorância e a estupidez humanas se obstinam ainda em decifrar. Então a deusa do amor resplandecerá de novo com o seu antigo brilho no céu da humanidade e da sua felicidade.

Dr. A. Foré

SOLIDARIEDADE

No Sindicato Unico dos Metalúrgicos de Lisboa realiza-se hoje à noite uma festa de solidariedade ao camarada Gaudencio Moita que se encontra doente. Esta festa é promovida por uma comissão de amigos seus.

UMA ARBITRARIEDADE

No bairro da Bélgica

Uma comissão de moradores no bairro da Bélgica reclamou contra o facto de aparecer, agora, uma companhia a exigir 1\$50 por cada metro de terreno que ocupam as Barracas ali construídas há 14 anos, sem ter havido impedimento algum. Esse bairro é habitado por numerosas famílias pobres que, por seu esforço próprio, construíram várias barracas, onde vivem. Esse terreno estava abandonado, não aparecendo ninguém a impedir a construção.

Essa comissão pede justiça, pois não faz sentido que tal exigência se faça, atendendo mesmo a que a enorme crise de trabalho atinge muitos dos moradores, vivendo os restantes de salários baixíssimos.

Uma saudação

Saúdo a nossa querida Batalha e desejo-lhe um futuro de prosperidades. Com o meu insignificante mas sincero préstimo pode ela contar sempre que eu lhe possa ser útil. O brado saído de meu coração é: «Viva A Batalha!»

Cova da Piedade, 30-10-1980.

António Gonçalves

O Esperanto tem uma gramática simples e um vocabulário cujos elementos são internacionais

No último número deste jornal procurei demonstrar que os revolucionários, aqueles que tralham para uma sociedade melhor, — sem desigualdades e sem fronteiras — devem ser dos primeiros a aprender o Esperanto. De facto, eu deveria ter começado por dizer o que é o Esperanto, e pensei em fazê-lo. Receei, porém, massar o leitor, visto que nestes últimos tempos toda a imprensa nacional (quer a proletária, quer a burguesa) lhe tem feito larga referência.

Contudo deve haver muita gente que tem lido referências ao Esperanto, mas não faz uma ideia exacta do que isso seja. Procurei, pois, dar em poucas palavras, uma ideia, tanto quanto possível exacta, do que é esse belo idioma que será no futuro a língua única de todos os homens.

Não falarei da necessidade, cada vez mais acentuada, de se adoptar, para as relações internacionais, uma língua, como auxiliar. E não o farei para não alongar o artigo com explicações de uma coisa que todos conhecem.

Direi apenas que, entre aqueles mesmo que preconizam essa necessidade, há alguns que julgam ser preferível resolver o caso escolhendo, para esse fim, uma das muitas línguas naturais ou nacionais, como o francês, o inglês ou outra assim.

Quem tenha estudado um pouco essas línguas, terá por certo reconhecido desde logo, que as línguas chamadas naturais estão pejudicadas de excepções, que muito complicam as já de si complicadas regras gerais. Não falando já das rivalidades que se levantariam entre diversos povos para fazer triunfar a sua, ou a da sua simpatia.

Verificado que era necessário resolver o caso com uma língua artificial, surgiram diversas línguas, com diversos nomes e de diversos autores. De todas elas triunfou o «Esperanto», criação genial do dr. Luís Lazar Zamenhof.

E triunfou porque as outras eram demasiado artificiais, enquanto que o Esperanto é a mais natural de todas as línguas; até mesmo mais natural que as chamadas naturais.

O seu autor conhecia muitas línguas e verificara que muitos vocábulos eram já internacionais, bastaria escolhê-los, coordená-los e dar-lhes umas regras gerais, uma gramática própria, e estaria o caso resolvido.

Para exprimir aquelas ideias que têm uma expressão muito diferente de povo para povo, escolheu Zamenhof os vocábulos que tinham já maior internacionalidade.

Para gramática, compilou um conjunto de 16 regras, sem excepções.

Marcou um valor fixo para cada letra; e, assim, qualquer pessoa pode, em menos de uma hora, aprender a ler, visto que basta decorar o valor de cada letra.

O alfabeto do Esperanto tem 28 letras, e porque o valor ou o som de cada uma delas é sempre o mesmo, quer se encontre no princípio da palavra, quer no meio ou no fim não surgem dúvidas sobre o modo de pronunciar; como sucede em português e noutras línguas das chamadas naturais.

Bastará citar a letra S que em português tem diversos valores: — Em Esperanto a palavra SALO (sal) lê-se *sáló*, a palavra TASSO (chávena) lê-se *tássó*, e PASTO (pasta) lê-se *pásstó*. Sempre o mesmo som sibilante.

O Esperanto é pois a língua mais fácil de aprender, e a única que resolve o problema da língua universal.

I. A. Barros

As nossas virtudes são frequentemente, vícios disfarçados.

La Rochefoucauld

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Influências sobre o movimento operário na América

Enquanto a massa trabalhadora manter a sua unidade ideológica, difícil será infiltrar-lhe ideias de autoridade e escravatura

As duas influências assinaladas que actuam sobre o movimento operário da América, são de carácter político, aspiram a conformar a mentalidade da imensa legião de párias na ideia da conquista do Estado, sobretudo, não são em si mesmas independentes, estão subordinadas ao Governo da Washington uma, a Moscovo a outra.

A pesar de que o reformismo se manifesta internacionalmente da mesma maneira; apesar da sua visível tendência a dominar as organizações operárias do mundo, está dividido em dois grupos: a Internacional de Amsterdam e a American Federation of Labor (Federação de Trabalho Americana) que respondem em separado às sugestões do capitalismo europeu a primeira, e ao governo capitalista de Washington a segunda.

Neste sentido não faz mais que seguir a conduta observada durante a guerra ao votar os créditos militares e secundar a acção de seus respectivos governos no massacre, dividindo entre si, e deixando entre as engrenagens dos Estados em guerra os últimos giros do socialismo.

A colaboração, em lugar da resistência activa ao capitalismo, fez com que o socialismo esquecesse a unidade de propósitos e a irmandade internacional dos trabalhadores manifestado na primeira hora, e que hoje se converta em elemento de reconstrução capitalista nos momentos de crises; em lugar de impulsionar a este sistema de vida levou à bancarrota definitiva. Era o resultado lógico, previsto pelo elementos avançados, no instante em que se manifestou no socialismo a tendência política que aspirava a participar na vida do Estado.

Interessa constatar que, pela tendência autoritária que é a essência do reformismo, assim como pelos interesses ocultos a que serve por meio da sua penetração continental, representa um perigo que afortunadamente se debilita pela sua ausência de prestígio, sobretudo nas republicas latino-americanas, e pela carência de coesão entre o reformismo continental que se encontra dividido entre as duas internacionais socialistas.

Sobre o desenvolvimento do movimento operário continental, manifesta-se, pois uma só influência absolutamente independente de toda a sugestão estranha, e que não aspira à dominação sobre o povo por meio da conquista do poder político, mas sim a destruição completa deste poder que obsta o desenvolvimento livre do indivíduo e da sociedade: é o anarquismo.

A luta, pois, pela conquista do proletariado da América trava-se entre a social-democracia e o anarquismo. Entre autoritários e anti-autoritários, observa-se este fenómeno curioso; o reformismo tem seu centro nos Estados Unidos, nos quais domina por completo sobre o movimento operário.

No México existe, porque conta com o apoio incondicional do governo, do qual é uma agência eleitoral. Mas naturalmente, sujeito por completo ao Estado deve supurar as vicissitudes do próprio Estado, pelo que está chamado a sofrer um descalabro, de acordo com os governantes que se sucedem no poder.

Mas a partir do México, até ao sul, o reformismo encontra-se contido pelos centros anarquistas que impedem o seu desenvolvimento.

Conta naturalmente o reformismo com centros, como por exemplo na Argentina, mas a sua influência é sempre menor à que pode exercer o movimento libertário.

O socialismo autoritário surgira na Europa e fundamenta-se a si mesmo no facto do desenvolvimento do capital. E' bem uma teoria que contempla a situação do proletariado industrial e que vincula a sua realização no desenvolvimento extremo desse industrialismo capitalista. Mas não existe uma diferença considerável entre a maioria dos países americanos nos quais não havia penetrado ainda a grande indústria e cuja base continua sendo o campo, e nos quais existem as crenças e costumes da outrora? O chamado socialismo científico forma um

corpo de doutrinas absolutamente estranho ao seu pensamento e temperamento.

Em troca, o anarquismo é mais compreensível para o espírito sensível da povoação destes países, indígena em sua grande maioria, e é mais compreensível porque estão habituados a uma vida anárquica de certo modo, porque todavia em muitos pontos conviveu entre si sob formas comunistas, dum comunismo rudimentar e primitivo, é certo, mas que no fim de contas obriga a uma vida solidária não ao egoísmo que se desentrola como consequência do individualismo e mais ainda, porque estão habituados a uma vida em que existe um mínimo de autoridade.

Por razões, pois, de sentimento, a América pertence ao anarquismo.

Sobre o continente Sul, os anarquistas mantêm uma influência perdurável. Na massa dos países que compreende o Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai o anarquismo exerce desde há tempo ascendente sobre as massas populares e a organização forma na primeira linha sob a bandeira de guerra da anarquia. Nos demais países conta também com organizações, mas justamente porque ainda não se sentem com suficiente força os efeitos do capitalismo moderno, a necessidade de organizar-se não arreigou ainda fortemente entre os trabalhadores.

Naturalmente, também nestes países existem núcleos comunistas e socialistas, mas estes últimos, mais como partidos políticos que como gentes para quem a organização constitua um motivo de preocupação. Quer dizer que se os anarquistas não contam aí com forças ponderáveis, também as outras tendências se encontram nessa mesma situação.

Afortunadamente para o anarquismo, todos estes núcleos contam também com um organismo continental até ao qual convergem e do qual recebem o apoio necessário para fortificar-se e estender cada vez mais o seu raio de acção nas regiões donde actuam. Referimo-nos à A. Continental Americana dos Trabalhadores.

E a obra que começam a desenvolver contando com o apoio da Argentina assegura sobre o conjunto dos países do Sul e centro americanos o futuro das nossas ideias. Ainda que a A. C. A. T. a deferência das outras continentais não receba o subsídio de nenhum governo, não tem de que temer.

Um exame sintético de cada um desses países confirmaria a nossa ideia de que enquanto existam núcleos anarquistas e contem com algum apoio, o futuro pertencerá por completo ao anarquismo.

Nalguns deles, na Bolívia por exemplo, um grupo de camaradas acaba de constituir a Federação Operária Local da Paz, e pela acção já desenvolvida a estender-se atingirá toda a região, constituindo a organização nacional sobre o mesmo plano ideológico que a F. O. R. A. e demais organizações operárias libertárias sul-americanas.

Chegaríamos à seguinte conclusão. O anarquismo está desenvolvido e conta com organizações próprias no Sul da América e núcleos nos países do Centro e Norte da América. O socialismo autoritário, em troca, teria seu centro nos Estados Unidos e México, mas ainda neste último país conta o anarquismo com a Confederación General de Trabajadores, centro de resistência enraizado em pleno pseudo reformista, guarda avançada do anarquismo que pressagia um largo porvir para as nossas ideias, inclusive no continente norte.

Enquanto o bolchevismo, como temos dito, chegou ultimamente com uma ideologia que não está conforme com os sentimentos da grande massa trabalhadora continental, fica-lhe o recurso de desfigurá-la na expressão e combater com todas as armas o reformismo e o anarquismo. Mas enquanto o anarquismo conserve a sua unidade, sobretudo nos focos centrais de irradiação, nem bolchevismo, nem social-democratas serão capazes de infiltrar na América a ideia de autoridade que serve somente para manter a escravidão voluntária das vítimas da actual ordem de coisas.

DA ARTE

Necessidade de coordenação e orientação artística

Que a cultura do proletariado é de extrema necessidade, já se não atreve a contestar mesmo aquele que por ela não faz o mínimo esforço. E que o proletariado deve a maior parte do seu mal-estar ao seu tremendo desconhecimento de tudo quanto diz respeito à cultura geral do indivíduo, é também de impossível contestação.

Se o salário de um serralheiro tem incommensurável diferença do que auferia diariamente um médico, isso não se deve apenas à diferença das profissões, mas sim a que o médico, ao mesmo tempo que adquire a sua cultura profissional, adquire outra de ordem geral que o leva à compreensão integral do seu valor. O serralheiro não procede assim. Labuta na oficina para aprender o seu ofício, adquire dele o seu conhecimento — e às vezes bem profundo — e por aí fica. É certo que, para colocar um parafuso novo numa locomotiva que funciona mal, não é preciso entender um soneto de Antero de Quental, mas, compreendendo-se o soneto, fácil será compreender o valor do parafuso no interesse colectivo. E compreendendo o valor do parafuso no interesse colectivo, equivale a compreender completamente o nosso próprio valor. Se o médico, operando determinado indivíduo na apendicite, o livra de uma morte prematura, o serralheiro, colocando o parafuso na locomotiva que ha de transportar esse indivíduo ao lugar onde está o médico, ou vice-versa, contribui de igual modo para o salvamento dessa vida. E, para que aos dois a paga seja igual, falta apenas esta pequena coisa: elevar artística e intelectualmente o serralheiro.

M. O. alvitrou nestas colunas a criação de uma Universidade Operária, e esse alvitre completado e realizado com a criação simultânea de um teatro retintamente popular, onde actuasse uma companhia de idealistas da arte e da perfectibilidade humana e dirigida por um profundo conhecedor do assunto e um coração aberto às mais generosas ideias, seria a realização de uma obra para causar orgulho — orgulho nobre — a todos quantos por estas coisas se interessam a valer.

Mas eu, não achando tudo isso de impossível realização, acho-o todavia bastante difícil. E acho-o bastante difícil porque ainda somos muito poucos a querê-lo.

É preciso aproveitar alguma coisa do que há e dessa alguma coisa criar adeptos para que amanhã sejamos mais, muitíssimos mais, os que o desejam. Há por aí escolas nocturnas onde não aparece a nossa gente — ou aparece pouca — a melhorar os seus conhecimentos ou adquiri-los ainda que rudimentares. Há agremiações operárias, umas profissionais e outras de recreio, nas quais se podia começar — modestamente, claro — por fazer teatro onde a arte fosse tratada com carinho, talqualmente a mãe trata o filho que amamenta, e os grandes problemas tratados com vontade de os propagar e esclarecer. Mas os dirigentes dessas agremiações — onde há às vezes, salas não aproveitadas, — não sentem a necessidade desse trabalho de aperfeiçoamento. E não sentem essa necessidade porque a maioria se confunde com o resto da massa analfabeta, diferenciando-se, às vezes, apenas pelo conhecimento de dois conceitos já velhos muito bem de corados mas mal interpretados. A maior parte desses organismos limita-se a criar um grupo dramático para o qual entram

logo uns sócios que viram certos actores naquelas tiradas de teatro antigo, berrarem numa fogosidade cômica, desejam ter ocasião de os imitar — por isso o «papel» é mais ou menos importante consoante as «falas» grandes ou pequenas que tiver. Para repertório adquirem logo ali na travessa de S. Domingos: «Operários e Agiotas», «Amor Louco», «Ladrão de Casa», como se lá porque nas peças ou nos títulos se fala em operários, ainda que seja obra gafada, tenha de ser dada a operários. Quando não levam assim destes aborços que dizem, mas muito mal, que o operário é uma pombinha e o vurguês um tigre desalmado, escolhem comédias como «O Amigo dos Diabos», etc. Se fazem então um acto de variedades, não conhecem Junqueiro, Antero ou João de Deus, conhecem os monólogos como «O teu olho está a pedir techadura», «O pinto, pinto...» e mais coisas que nas revistas fizeram furor justamente pela indecência. Se algum grupo que foge a esta falta de escrúpulos literários, tem no entanto a ausência de conhecimentos artísticos e direcção técnica, o que no fim de contas dá o mesmo resultado. Porque é preciso que tenhamos bem em mente que se para ser pedreiro são precisos uns tantos anos de aprendizagem, de igual aprendizagem necessita aquele que deseja interpretar honestamente uma peça teatral.

Ora é preciso que isto termine. E preciso que todos os dirigentes dos vários organismos populares se convençam que a craveira mental de um povo se avalia pelas suas manifestações artísticas, e se elles, os dirigentes, nessa matéria são profanos, que convidem os entendidos para os orientar, que de certo aparecerão. Nunca ficou mal a ninguém confessar a sua ignorância sobre certo assunto — ocultá-la quando ela é evidente é que prejudica — quando há outros que conhecendo-o desejam tratá-lo de boa fé. E eu creio que escritores há e mais apareceriam; interpretes aproveitar-se-iam os poucos que existem e outros se criariam; e um orientador com conhecimento pleno dessas coisas — e é o que poderia ser mais difícil de aparecer — felizmente para nós também não nos faltava. Falta apenas, parece que em todos, um desejo grande de aperfeiçoamento popular.

António Vitorino

A BATALHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:

Série de 10 números..... 3\$00

ÁFRICA:

Série de 20 números..... 8\$00

ESTRANGEIRO:

Série de 20 números..... 11\$00

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329.

LISBOA

A organização operária tem na «Vanguarda Operária» o seu porta-voz no Norte.

UM DOCUMENTO

RESULTADO DUM INQUÉRITO, FEITO A UM MILITANTE

Relatório apresentado pelo sindicante nomeado

Iniciamos a publicação dum documento de importância. Trata-se do relatório elaborado pela Central Operária sobre o militante Manuel Joaquim de Sousa, atacado e acusado no Sindicato dos Manufactores de Calçado. Essas acusações são no relatório, de que iniciamos a publicação, amplamente esclarecidas e desfeitas.

A carta de Manuel Joaquim de Sousa

«Caros camaradas:

Suponho que conhecereis algo da luta que mantenho, no terreno dos princípios e da orientação sindicalista revolucionária e libertária, com os moscovitários mais ou menos comunistas. E' luta que vem de longe, mas que se recendeu no seio do meu sindicato profissional.

Maus actos abusivos duma ex-direcção do mesmo, saltando por cima de deliberações de assembleias gerais, e que eu e outros camaradas exprobamos—o que determinou o seu pedido de demissão—foram a scentelha que incendiou as paixões.

O espírito de vingança não se fez esperar—baixo, pífido e aviltante. A infamia é a arma favorita ao serviço duma reles política por parte de todos os que, impotentes para honestamente apresentarem e defenderem seus pontos de vista, querem, em todo o caso, absorver a organização, e, não o podendo fazer com nobreza, preferem dividir, desorganizar, lançando a suspeita vil, a traiçoeira desconfiança sobre os elementos que de algum modo se opõem aos seus desígnios.

E' o que sucede comigo. Tudo indica que sou a sua sombra negra o seu pesadelo, e assim é que me atribuem actos e palavras que não pratico nem digo, ou então desnaturam factos, exagerando-os até ao infinito, com fins tendenciosos, destinados a demoralizarem-me no conceito de criaturas ingenuas ou de organismos desconhecidos das suas artimanhas.

Tudo isto me seria pessoalmente indifferente, posto que não abrigo quaisquer ambições que a sua maledicência infamante me possam prejudicar; mas vejo claramente o seu objectivo: prejudicar na minha pessoa as ideias que professo e a organização que defendo a «outranse».

Este é o motivo porque a vós me dirijo, não sem que, antes, vos exponha a causa imediata desta carta.

No meu sindicato um sócio, que eu reputo agente e instrumento de vingança pessoal e política—é um dos componentes da ex-direcção de que acima falo—reeditou uma das acusações de S. A. e que eu naquela altura pulverizei.

Em face dessa acusação requeri uma comissão de inquérito. Na última assembleia, em 23 do corrente, ao tratar-se da nomeação dessa comissão, foi proposto pelo principal elemento derrotista do sindicato, meu fidalgo inimigo pessoal e político, para que a mesma comissão inquirisse igualmente de todos os meus actos, proposta que aceitei e em que colaborei.

Posta essa proposta à votação, foi rejeitada, por—ao que me disseram—ser considerada torpe e afrontosa.

Fica de pé o meu requerimento para a nomeação da comissão para inquirir da acusação concreta que me formularam. Mas, afinal, ao nomear-se essa comissão, todos recusam. O meu requerimento fica assim sem efeito, e eu requeri, de novo, que se officiasse a esse organismo para ele informar sobre o assunto.

Nesta altura outro requerimento surge para que se vos pedissem outras informações. Nada direi sobre estes casos particulares. O Sindicato dirá e vós respondereis como for de justiça.

Pretendo tão somente habilitar o meu sindicato a julgar do meu procedimento passado no seio desse organismo. E' que, camaradas, poderá parecer que, sendo rejeitada a proposta para que se inquirisse dos meus actos, assim se procedeu para encobrir passíveis faltas graves por mim cometidas.

Eis porque, caros amigos, venho por este meio, junto de vós, pedir-nos encarecidamente para que me passeis um documento

na qual contem os actos ou faltas por mim cometidas e que, de algum modo, prejudicassem a organização, enquanto a servi, moral ou financeiramente.

Côncio de ter cumprido sempre o meu dever, visto que verbalmente ou por escrito dei inteira conta das missões de que fui inúmeras vezes incumbido; tendo justificado plenamente todos os meus documentos de despesa; e tendo, além disso, por deveres de cargos, lidado talvez com centenas de milhar de escudos sem a mais leve incorrecção e tanto que jámais a colectividade se occupou de questões dessas que directamente me dissessem pessoalmente respeito—eu tenho falado sempre de cabeça erguida.

Mas como os destruidores da organização persistem em espalhar dúvidas, mantendo sobre mim uma atmosfera de suspeição irritante, dando a entender que algo de concreto existe contra mim, mais uma vez vos peço para que me notifiqueis os meus crimes, se os tive, para apresentando-os ao sindicato me recolher depois ao silêncio curtindo os meus remorsos, ou então, não as tendo, como mo diz a consciência, poder destruir documentadamente as infâmias bolsadas malevolamente contra mim».

O Relatório

Presados camaradas:

Em virtude de uma resolução deste Conselho reunido em Maio do corrente ano, tomada em face de uma consulta dimanada do Sindicato dos Manufactores de Calçado de Lisboa,—ofício que tem a data de 24 de Abril, cuja consulta consistia em saber a quanto orçavam alguns gastos de dinheiro e sua justificação,—levados a cabo pelo camarada M. Joaquim de Sousa, no cumprimento de delegações efectuadas em nome da C. G. T.; nós, na qualidade de sindicantes, para averiguar até que ponto se justificam as suspeitas do referido Sindicato—vimos, pelo presente Relatório, dar-vos conta do trabalho de esclarecimento a que nos foi possível chegar.

— Camaradas:

E' inteiramente do conhecimento de todos os militantes e muito em especial do Sindicato dos Manufactores de Calçado, que toda a documentação administrativa, bem como livros de Actas, Relatórios, etc.—documentação muito interessante e de grande utilidade para de uma maneira precisa e categorica se avaliar a vida íntima e pública da C. G. T. foi, como é sabido, totalmente na voragem da destruição, em 2 de Novembro de 1927.

Portanto um trabalho de inquérito de tal natureza e que em si é de uma grande responsabilidade—pois que se trata de honrabilidade de um militante, cujas responsabilidades profundas na Organização operária estão vinculadas através duma grande parte da sua vida, deparou-se-nos tarefa demasiadamente difícil em virtude de completa ausência de documentário, que servisse de fonte segura para melhor orientar o trabalho que nos foi atribuído.

Porém, como tais elementos faltam e em face de tal, a que meios recorrer para de uma maneira sucinta nós esclarecermos e podermos apresentar um trabalho que se aproximasse, tanto quanto possível, da verdade e que de certo modo não só satisfizesse os Manufactores de Calçado como o próprio Conselho Confederal?

Recorrendo, como está indicado ao testemunho vivo de camaradas, que há data em que se verificaram tais factos, tiveram participação mais ou menos directa, mais ou menos activa, em trabalhos confederais relacionados em maior ou menor ligação com o camarada M. J. de Sousa.

E então, o Conselho Confederal, sobre nossa solicitação, indicou-nos alguns nomes desses antigos militantes, diligenciando com eles nos avistarmos, logo que tal nos foi possível.

São eles: Joaquim de Sousa, Carlos Maria Coelho, Silvino de Noronha, Carlos José de Sousa e Alfredo Lopes, aos quais mandei recado para se reunirem na sede do Sindicato U. Metalúrgico, no dia 12 de Julho à noite. Esta reunião não se realizou por terem faltado todos os camaradas convidados, á excepção do camarada J. de Sousa e do atingido.

Em face deste fracasso resolvi marcar outra data, enviando a cada um daqueles camaradas, um ofício expondo o assunto e encarecendo a gravidade do mesmo. Essa reunião efectuou-se no mesmo local, do dia 25 do mesmo mês, faltando a ela os camaradas Carlos J. de Sousa e Carlos M. Coelho.

Este último justificou por intermédio de Alfredo Lopes, a sua não comparência, em virtude de à mesma hora ter que assistir a uma reunião no seu sindicato, prontificando-se, todavia a fornecer por escrito uma declaração sobre o que por ventura ainda conserve na memória. A esta reunião também assistiu o camarada Sousa.

Expostos os motivos da reunião e de uma maneira muito sumária, visto que os camaradas presentes estavam já senhores do assunto, passou-se à apreciação dos factos neunciados no ofício dos Manufactores de Calçado.

Pedidas explicações ao acusado, este justificou com o testemunho de uma longa carta assinada pelos camaradas José Revoredo, António Luís Pinheiro, Mário de Azevedo, Serafim Cardoso Lucena, Mateus Ramos e Julio de Campos, elementos que residem no Porto e que tiveram estreitas relações com M. J. de Sousa para o efeito da missão que este camarada foi encarregado no Norte.

Aqueles camaradas relatam as peripécias que deram margem à sua longa demora naquela região, justificando-a plenamente. (doc. n.º 3).

Convém frizar que a demora notada na missão às provincias do Norte tinha já sido plenamente justificada no seio da própria Comissão que ali o enviou. Estranhando os camaradas presentes que se voltasse a agitar um assunto que desde o seu início já estava arrumado.

Afirma-se na acusação que o referido camarada dispendeu a soma de 2.800\$00. Esta quantia é tomada como um exagero de gastos em relação do tempo gasto no Norte; pretende-se dar-lhe um caracter de escândalo gravíssimo. E para dar maior vulto a tal escândalo, cita-se um pormenor muito curioso a propósito da sua passagem por terras transmontanas, o que foi muito bem aproveitada para dar uma extensão mais larga ao pretendido escândalo. Mas ao fim e ao cabo de tanta miséria moral, apenas serviu para descobrir a má fé que existia e ainda existe contra o camarada Sousa. O facto explica-se da maneira seguinte: Sousa após longa jornada através do Norte, foi visto nas Pedras Salgadas, que por ali passava, por ter necessidade de se avistar com o camarada Ferreira (já falecido) para assuntos da sua missão official. Mas acontece que passado algum tempo, na altura em que se discutia o assunto no C. Confederal, e sabedor Santos Arranha da ida do delegado confederal às Pedras Salgadas, aquele, então director de A Batalha, não pôs dúvidas em acusar Sousa de a custa da organização ter permanecido por largo tempo naquelas terras.

Foi o bastante para que certas criaturas sem o menor escrúpulo dessem largas a tal escândalo, não curando, em primeiro lugar, de averiguar se semelhante acusação tinha ou não fundamento, posto que se deveria ter um maior escrúpulo pela honra alheia. Mas certo é que o assunto foi debatidíssimo no momento oportuno e plenamente justificado, não só a demora como justificados os gastos de dinheiro. (doc. n.ºs 8 e 9).

Depois de largamente discutido o assunto e tendo o acusado dado todas as explicações pedidas, os mesmos camaradas tomaram o compromisso de, separadamente, cada um por si, fazerem uma declaração por escrito.

Além destes camaradas, resolvemos solicitar outro tanto aos camaradas Carlos M. Coelho, Carlos J. de Sousa e se fosse possível, abter outro tanto do camarada Lúcio da Costa.

Alfredo Lopes declara que nas épocas em que se verificaram as missões constantes do ofício dos Manufactores de Calçado, não participou dos trabalhos confederais, todavia, declara que no 1.º comité confederal—saído do congresso de Coimbra—trabalhou ao lado do acusado e que sempre constatou a máxima correcção em todos os seus actos,

nada tendo a apontar-lhes que ofusque, de algum modo, a sua vida de militante. No entanto expressou a sua opinião, por escrito. (doc. n.º 4).

Em face destas gestões, e dando-se esta reunião por finda, restava a guardar as prometidas declarações por escrito. Convém deixar aqui patente que algumas dessas declarações não se fizeram esperar, mas porém outras, demoraram demasiadamente o que contribuiu para demorar a elaboração deste relatório, o que no entanto, não diminuiu a sua importância, visto que todos, tarde ou cedo, cumpriram com o seu dever.

Analizadas devidamente todas estas declarações, habilitou-nos a concluir o seguinte:

Dum modo geral não consta que durante a apresentação de relatórios referentes a mandatos conferidos a Manuel Joaquim de Sousa, os mesmos tivessem sido impugnados pelos restantes membros do Comité Confederal ou Comissão especial, e o mesmo acontecendo quando os mesmos baixavam, juntamente com as contas, ao Conselho Confederal. Quanto às importâncias gastas, não se pode chegar a um apuro exacto das contas, pois que:

1.º—Não se sabe ao certo quanto se gastou com a missão ao Norte—(missão da Comissão especial)—todavia, por cálculos de memória agora feitos, servindo de base para tal, as necessidades exigidas para uma missão idêntica, levanto em conta o actual custo das tarifas ferroviárias, despesas de hospedagem e salários que pouco ou nada se terão modificado, e tendo também em consideração, que além de 32 dias gastos por M. J. de Sousa, há a acrescentar mais 15 dias de despesas feitas com o delegado da delegação confederal do Norte—o camarada Amílcar Pereira, actualmente deportado na Africa Occidental—que prefaz uma temporada de 47 dias de despesa para a C. G. T.,—ou seja um total de 47 dias de hospedagem e transportes e 41 dias de salários. Portanto, todas as despesas a partir do Porto para cima foram a dobrar, o que está demonstrado pelo testemunho dos camaradas do Norte, na sua carta destinada a esclarecer este assunto. Mas aceitando como boas as informações acima expostas, e considerando a importância expressa no ofício do Sindicato dos Manufactores de Calçado—2.800\$00,—concluiu-se que tal missão, longe de ser considerada demasiadamente dispendiosa e caracterizada por um emprego menos legítimo das importâncias confiadas ao acusado, houve pelo contrário um certo espírito de economia na sua aplicação, pois que se presume, que rigorosamente, essas despesas deveriam custar à C. G. T., cerca de 3.100\$00.

2.º—O dinheiro empregado como solidariedade ao dr. Pedro Valina, e outras despesas relacionadas com este assunto não são da responsabilidade de M. J. de Sousa, (que nem do Comité Confederal fazia parte). Se de facto existe qualquer responsabilidade neste caso, a mesma só poderia, em tal caso ser imputada ao próprio Comité de então ou ao conselho confederal, que deliberou prestar solidariedade a aquele perseguido espanhol. (doc. n.º 5.) Também se afirma que do dinheiro empregado para ocorrer a despesas inerentes com este caso tais como tempo pago a M. J. de Sousa para acompanhar Valina, nas «démarches» para se conseguir das autoridades competentes, autorização para este camarada poder exercer clinica em Lisboa, aproveitou a organização, pois que o M. J. de Sousa aproveitou parte do tempo para tratar de assuntos da mesma Organização. (doc. n.º 6).

Também se averiguou que muitas vezes o camarada Manuel Silva Campos, deixou voluntariamente de receber, algumas vezes, os seus honorários para não sobrecarregar as despesas que se estavam fazendo com o camarada Valina. Quanto á verba gasta não se pode saber ao certo a sua quantia, visto que há divergências de memória sobre tal assunto.

A missão a Espanha foi confiada a M. J. de Sousa e a Manuel da Silva Campos. Não há recordação da importância que a C. G. T. gastou com esta delegação, que teve por objectivo estabelecer um entendimento entre

(Continúa na 8.ª página)

O trabalho em várias épocas

A conspiração de Cinado

Os ilotas

Atenas era como uma oficina imensa; Esparta era um acampamento.

Os espartanos não trabalhavam: tinham vindo outrora instalar-se como conquistadores no vale do Eurotas, pequeno rio do Peloponésio, que corre através de algumas terras lavradas, por entre montanhas de nevosos cumes. Tinha submetido os antigos habitantes do vale e os Jas circunvizinhanças, obrigando-os a trabalhar para eles.

Único fim dos espartanos era serem fortes, serem bons soldados, constituírem todos eles um sólido exército, para manter na sujeição os povos que eles haviam vencido. Criavam os filhos à bruta, tanto os rapazes como as raparigas; obrigavam-nos a andar descalços, a trazer apenas um manto, tanto de verão como de inverno; incitavam-nos a brigarem uns com os outros, e a cada passo os açoitavam até lhes fazer sangue, afim de os acostumar à dor. Não queriam fazer deles escultores nem filósofos, mas unicamente, como eles diziam, «artistas na arte militar».

E que os espartanos, descendentes dos conquistadores, eram a princípio 32.000 ao todo, contra 330.000 habitantes subjugados. Mas, como só entre si se casavam e como andavam sempre em guerras, ia o número deles baixando de geração em geração. No tempo em que se coloca a história que vamos contar, isto é, na época de Sócrates, quando Esparta acabava de vencer Atenas, pouco mais haveria de três a quatro mil espartanos. A avaliar apenas pelo número, os povos submetidos facilmente triunfariam dos seus vencedores; mas tinham sido aterrorizados pelas durezas e crueldades que os últimos empregavam havia longos séculos e porisso detestando-os, embora, quasi nunca haviam ousado revoltar-se.

Os mais desgraçados eram os ilotas, homens privados de todos os direitos e cruelmente explorados. Eram os que por mais tempo haviam resistido à conquista, os que os espartanos tinham querido castigar duramente. Eram de certo escravos do Estado, a cujo serviço directo se achavam parte deles, estando os outros distribuídos pelos cidadãos, isto é, pelos espartanos, para lhes cultivar as terras, guardar os rebanhos e cuidar dos serviços caseiros. Os ilotas assim dados a um cidadão tinham que lhe pagar um fóro, fixado para sempre pelo Estado, de maneira que chegasse para o sustento do espartano e de todos os que viviam ao abrigo do seu tecto: 82 medimhos, ou seja cerca de 42 hectolitros de trigo e uma medida proporcional de líquido.

Os ilotas, dizia Myron, autor antigo, estão sujeitos aos mais ignominiosos e degradantes trabalhos. São obrigados a andar com um barrete de pele de cão e a vestir peles de animais; todos os anos lhes são aplicadas um certo número de vergastadas, sem que hajam cometido falta alguma, só para se lembrarem de que são escravos; muito mais ainda, so os há que ultrapassem a medida de vigor que convém aos escravos, são punidos de morte, sendo os amos multados por não ter sabido comprimir-lhes o desenvolvimento.

Finalmente, todos os anos, ao tomarem posse do seu cargo, os éforos, magistrados da cidade incumbidos, com os reis, da vigilância do Estado, declaravam guerra aos ilotas, e à noite, a certas horas, punham-se os rapazes espartanos de atalaia para assassinar quantos encontrassem. Assim se exercitavam na guerra, enchendo ao mesmo tempo de terror todos os escravos.

Periecos e Inferiores

Acima dos ilotas, um pouco menos desgraçados, viviam os periecos. Não tinham tampouco direitos políticos e eram tributários dos espartanos. Mas, como os espartanos não trabalhavam, os periecos exerciam nas cidades os diferentes ofícios, curiando muito deles. Quando das grandes guerras contra Atenas, os espartanos, tendo-se fahos de soldados, arriscaram-se a armar alguns periecos, fazendo deles soldados de infantaria ou marinheiros.

Finalmente, logo acima dos periecos, es-

tavam os chamados inferiores, que não eram contados entre os «iguais», ou por outra, entre os cidadãos. Filhos de escravos libertos, ou descendentes de homens saídos, por motivos diversos, da classe dos cidadãos, não eram escravos nem tributários, mas não tomavam parte no poder político. Eram estes para Esparta os mais perigosos, por serem amiúde os mais ricos, os mais inteligentes, os mais empreendedores. Eram eles quem mais impaciente suportava a sua condição inferior, sobretudo quando viam os cidadãos cobrir-se de glória, em toda a Grécia. Por vezes, esses inferiores voltavam os olhos para o lado dos ilotas ou dos periecos, perguntando consigo se entre eles não poderiam encontrar aliados contra os cidadãos.

Foi assim que, no ano de 397 antes de Cristo, um inferior, homem de espírito audacioso, esteve a ponto de provocar em Esparta uma formidável revolução.

Cinado busca aliados

Chamava-se Cinado, e era ainda moço, vigoroso de membros, esperto de fisionomia, decidido de aspecto. A sua energia tornara-o conhecido: assinalara-se em várias expedições aventureiras, que conduzia bem. Dera provas de grande inteligência e bravura, e dizia de si para consigo que, se fosse um «igual», havia de chegar, na cidade, às mais elevadas situações. Porisso era insofridamente que se sujeitava à sua condição de «inferior».

Mas como havia ele sair desta baixa posição? Como havia de arrancar a igualdade aos arrogantes cidadãos?

Cinado via em torno de si os ilotas, os escravos, os mais escravos da Grécia, cujo sentimento de dignidade e tal ponto se desvanecera, que deixavam assassinar os seus, à noite, perto das granjas, sem protestar já mais. Via os periecos um pouco mais livres, mais felizes, mas todos ocupados em enriquecer, pensando pouco em livrar-se do tributo e em reivindicar o seu quinhão de poder. E não podia tampouco fazer grandes contas com os da sua igualha, como os «inferiores» como ele, pois, se alguns aspiravam talvez a tornar-se cidadãos, a maior parte deles, tímidos e apáticos, não ousavam tentar sacudir o jugo com impaciência.

—E no entanto, pensava Cinado, não formam estes homens a grande maioria? Não são eles a força? Bastar-lhes ia unirem-se todos e terem confiança para derribar esta dominação detestada.

E Cinado formou o propósito de incutir animo e fé em todos os descontentes.

Alberio Thomas

Um aniversário

Foi-nos enviado o seguinte comunicado:

Passou no dia 23 de Outubro, o 41.º aniversário da banda da Sociedade União Artística Piedense, que noutros tempos prestou grandes serviços à causa operária, e, ainda, está pronta a prestar os mesmos serviços.

Porisso, um grupo de camaradas da Cova da Piedade saudou entusiasticamente, por intermédio do nosso órgão *A Batalha*, a banda da Sociedade União Artística Piedense e desejamos-lhe um futuro de prosperidades.

A ordem reina

Na Espanha numerosas grèves e manifestações contra o rei.

Prisão dos redactores da *Solidaried Obreira* e invenção de «complots».

Na China continuam os combates, sem que se saiba bem do que se trata. O mais claro é que o povo se deixe matar por questões que dizem respeito aos diversos generais ditadores.

No Anam, novas manifestações contra as autoridades francesas.

Fatruilhas percorrem o país, fazendo prisões em massa.

O domínio francês na Indo-China mantém-se pela repressão e pelo terror.

MANOBRAS BOLXEVISTAS

FRENTE AO PERIGO DE MOSCOVO

Factos da actividade bolxevista que revelam a sua verdadeira feição no movimento operário

Este trabalho, embora escrito por um espanhol e em consequência do que ali se passa, está dentro da realidade de Portugal e, cremos, que de todo o mundo. A psicologia do bolxevista está admiravelmente estudada nas linhas que vão ler-se:

A nossa boa fé e a repugnância que experimentamos ao ter que lutar em frente de certos procedimentos, podem ser, ante o ataque tenaz dos assalariados de Moscovo, causas de mais uma grave dificuldade na marca ascendente do movimento da C. N. T.

Temos nesses homens, adversários sem escrúpulos, conhecedores da nossa psicologia; homens dispostos a explorar a tolerância própria das nossas ideias, dos nossos sentimentos e da nossa tática libertária; indivíduos que sabem quanto nos é repulso impôr pela força o respeito da nossa personalidade, do nosso movimento e das nossas ideias.

Fortes por essa moralidade peculiar, eles atacam. Avançam com audácia até ao último limite. Ganham posições e adeptos. E conseguem vitórias.

O bolchevismo empregou sempre esta tática com um êxito enorme. Empregou-a na Rússia, em frente doutros partidos revolucionários, que não quiseram chegar a empunhar as armas para que a contra-revolução não ressurgisse auxiliada por essa luta intestina. Valendo-se dessa moralidade do adversário, eles restringiram cada vez mais a liberdade, começaram as suas repressões, deportando e exterminando. Recordo que, durante a minha permanência na Rússia, me apareceu essa especulação sobre a honradez, a boa fé, o escrúpulo. Praticava-se ela com os bolchevistas opositores tanto como contra os impositores não bolchevistas.

Depois, veio a exploração dos mesmos escrúpulos internacionalmente. A calúnia repele; ante ela o homem digno cala-se. Porém ela segue o seu caminho, semeando a dúvida, desagregando. A resposta merecida é a bofetada; mas, antes de adoptar essa attitude, vacilamos e, quasi sempre, preferimos retirar-nos. O bolchevista especula com isso.

Maravilha a uniformidade de procedimentos a que chegaram em todos os países do mundo. Quando eu lia a crónica publicada na nossa imprensa, do seu trabalho divisionista em Sevilha, recordava o mesmo trabalho efectuado no sindicato da Madeira, de Buenos Aires, de que fiz parte até há três anos.

A obstrução sistemática, tão pronta se formou um núcleo de certa importância, é levada a cabo mediante discussões intermináveis, prolongadas intencionalmente, a fim de fazer fracassar as Assembleias, a conseguir que os trabalhadores se retirem causados, enquanto eles, os comunistas, ficam até ao último momento, conseguindo ser, às vezes, maioria entre os que restam. Quando o núcleo é mais forte, aparece a obstrução pelo escândalo, pelo insulto, pela grosseria, pelas palavras e procedimentos soezes, levados até o último grau, de modo que os trabalhadores, enojados, não vão mais às assembleias onde eles não deixam de ir sempre, arregimentados. Tanto formam federações desportivas para atraír os jovens e discipliná-los para os seus fins político-sindicaes, como se apoderam dos periódicos dos sindicatos, fazendo nêles um trabalho tendencioso. Tudo, tudo para eles serve.

Recentemente ocorreu, em Rosário, um facto que mencionarei como um dos tantos procedimentos por eles usados. Existe aqui um frigorífico importante. Os operários do mesmo tinham constituído um sindicato que estudava um plano de condições a apresentar. Um núcleo de comunistas, que trabalhavam no mesmo, de acordo com os seus amigos do Partido, redactou secretamente outro plano de condições. Certa manhã, uma centena de comunistas, armados, impediram a entrada para o frigorífico aos gritos de «Viva a greve». Levaram os trabalhadores ao sindicato e o outro plano foi anulado. Isto só a sóco. E' um erro tratar com o desprezo os seus insultos ou as suas acções. Eles ignoram o que é o desprezo e, enquanto se escarra de nojo, eles continuam. Não mudam nunca. Quanto mais dignos somos, mais atrevidos eles são. Pedro Bernard chamava a atenção para o perigo da nossa attitude platónica. Em França, essa attitude ocasionou o derrubamento das forças sindicais. E, contudo, em França o movimento sindicalista revolucionário era forte e tinha uma tradição!

Não pode haver descuidados, companheiros de Espanha. Eles vão à conquista da C. N. T. ou à sua destruição. Se não podem apoderar-se de um sindicato, destrui-lo-hão, formando outro e arrastando parte dos seus elementos. Não farão nenhum organismo forte, porém entre os sócios arrancados e os que se retirarão da actividade, esse sindicato ficará reduzido a um estado esquelético.

Porque, assim como exercem a «chantagem» sobre a moralidade dos revolucionários, exercem-na, também, sobre a simplicidade e a moral do operário. Sabem que este pode escutar durante longo tempo, os impropérios, mas que acaba por se retirar.

Dividir para vencer. Se não poder vencer, destruirá. Há entre a sua tática e a universalidade dos seus procedimentos um paralelismo surpreendente com os métodos jesuíticos.

A situação que eles põem é esta: onde apareçam, três, quatro, num sindicato, ferirão, indo estendendo a sua influência, explorando rancores, aproveitando invejas. E chegará um dia em que se apoderarão, destruirão ou debilitarão até ao máximo. Sindicatos haverá que resistirão; porém, outros, sofrerão imenso. E o organismo confederal ressentir-se-há desses bocados arrancados pelo exército de tubarões que ataca.

Enquanto, cumprindo o nosso dever de revolucionários, estejamos pelejando contra os inimigos da direita, eles, agachando-se, irão ganhando posições. Não esqueçamos nunca: *Não reparam nos meios.* Para eles a moral é um prejuizo burguês.

Parece-me que se não deve perder nenhuma ocasião de desmascarar os seus sofismas e mostrar a realidade dos seus fins. Para isso, a nossa imprensa não deveria perder qualquer oportunidade, sem a isso se dedicar exclusivamente, de pôr em evidência as coisas da Rússia, o estado da classe operária e camponesa e a opressão espantosa ao lado da qual o directório foi um mestre de liberalismo.

Temos que dizer aos trabalhadores, valendo-nos das revelações documentadas nos próprios órgãos comunistas, e que Panait Istrati reproduz em «Rusia al desnudo», que na Rússia se dispõe para viver, segundo o dito popular, de «as dimensões de um ataúde»; que, aproximadamente, trinta milhões de seres carecem de trabalho; que as condições alimenticias da classe operária são espantosas; que há milhões de homens e de mulheres que trabalham ao dia por uma ração de alimentos ignóveis, que a maior parte das mulheres devem prostituir-se na oficina, no campo, na mina, na fábrica, no escritório, no teatro e nas dependências do ministério da Instrução Pública e de sua burocracia, seus inspectores e directores de escola. Tudo isto para poderem trabalhar.

O que Panait Istrati cita a esse respeito é tremendo. Nada destruirá melhor a influência comunista como as páginas dos livros

terríveis, escritos por esse homem, e, muito especialmente, do que citei.

Não devemos deixar destruir as nossas forças por nos não atrevermos à defesa. Os procedimentos de ataque devem ditar os procedimentos de defesa. Podia-mos, há oito ou dez anos, quando ainda se não conhecia a actividade nefasta do comunismo internacional, transgír com os seus desmandos. Hoje isso não é possível, porque não é possível a ilusão. Sabemos o que querem, o que são e como actuam. Por isso se deve ser inexorável na defesa, reduzindo-os ao silêncio, antes que consigam realizar os seus planos. Estou convencido de que se eles pensam que a C. N. T. pode agrupar a 500.000 trabalhadores, bem poderão arrancar-lhe 100.000 de aqui a um ou dois anos. E não se deve, por excesso de boa-fé e tolerância, facilitar a realização de tais propósitos.

A C. N. T. visa finalidades comunistas libertárias, bem defendidas. Na emergência de oombate, feita surgir por esses inimigos sem escrúpulos, não se deve permitir a propagação de conceitos opostos a esses fins. Não se deve tolerar a calúnia, o insulto, o escândalo. Logo que se produzam, devem ser reprimidos, chegando, mesmo, a expulsar do sindicato a quem o manietar. Se se suportam, valer-se-hão dessa benevolência. Há adversários que se podem estimar por sua rectidão e sua lealdade, como podemos ser estimados de certos adversários pelo mesmo motivo. Porém, esta superioridade que enaltece os homens, por cima das suas diferenças políticas e ideológicas, é impossível com eles.

Camaradas da C. N. T. não deixéis crescer no vosso próprio seio, o inimigo; de contrário sereis dele vítima. O renascimento do movimento sindical revolucionário em Espanha, concentra, sem dúvida, a atenção de Moscovo; e o dinheiro corre em abundância. O dinheiro, filho do suor do povo russo, que vive em alojamentos com «as dimensões de um ataúde», permite aos propagandistas estender a sua actividade. Cuidado! Defendei a C. N. T. até ao último arranco.

Gaston Leval

NA ALEMANHA

Camisas vermelhas e camisas de kaki

O novo parlamento alemão reuniu. Os deputados do bando de Hitler foram de camisa de kaki e os deputados bolxevistas de camisa vermelha.

A cor da consciência usa-se agora na camisa.

Nas ruas de Berlim houve motins e prisões.

E o povo alemão sofrendo cada vez mais fome e miséria.

Os pescadores e a sua situação

Factos da caridade burguesa

Ao esboçarmos uma análise, dentro dos nossos fracos recursos, às condições de trabalho e à psicologia de cada uma das classes marítimas, resolvemos começar pelos pescadores, das mais numerosas e das mais exploradas.

Certamente que esta nossa afirmação vai chocar com o que desta classe muitos julgam, mas ela é bem verdadeira, infelizmente.

Duas coisas bem importantes contribuem para essa falsa noção sobre aquela classe.

A primeira é o facto de ocupar sempre o primeiro plano nos jornais de grande informação, que várias vezes dela se ocupam, defendendo interesses em seu nome. A segunda são as constantes festas em seu favor, organizadas, quasi sempre, pelo mais fino escol da sociedade burguesa.

O seu profundo obscurantismo, que lhe eleva a superstição (e não religião) ao mais elevado grau; a forma rude e aventureira como, ainda hoje, na maioria dos casos, é exercida a sua nobilitante e árdua labuta pela vida, são outros tantos casos que contribuem para chamar sobre esta classe a atenção dos que, não tendo nada que fazer, praticam a caridade como qualquer outro sport. Os pescadores, mais do que outras classes na sua maioria analfabetos, encontram no exercício do seu labor profissional frente-a-frente com os elementos da natureza, com os quais muitas vezes são obrigados a travar luta tremenda, da qual nem sempre saem ilesos. Não sabendo como explicar as causas da fúria dos elementos dos quais se encontram separados por umas frágeis tábuas, inclinam-se para a superstição.

Bons e sinceros na índole, ficam sempre radiantes por se saberem amparados por algum poder desconhecido e portanto poderoso. Quando os tempos correm mal e o peixe não abunda recorrem então a esses poderes, nos quais creem de uma maneira absoluta.

Os padres, a igreja, os santos, estão em primeiro lugar e quando não bastam, o que sugge sempre, recorrem também às bruxas e a todos ao mesmo tempo. Recorrem assim aos dois poderes sobrenaturais, nos quais acreditam piamente. Acreditando assim mais no poder de Deus e do Diabo do que no seu próprio, aceitam resignadamente todas as prepotências de que são vítimas desde que supponham ter esta origem, julgando-as por isso inamovíveis.

Esta mentalidade chama sobre si a atenção dos oráculos dos exploradores que nêles vêem um filão a perpetuar para refinarem mais o seu poderio económico.

Os jornais de grande informação dos interesses capitalistas, sempre que se dá algum facto, que de alguma maneira pode ser aproveitado para esse fim, não perdem a ocasião. Os melhores são quando se realizam as tradicionais festas aos santos seus patronos, em que há de tudo menos o sentimento religioso em nome do qual são feitas. As suas colunas, sempre escassas para as restantes classes, são então largas bastante para lhe dedicarem notícias elogiosas na primeira página, acompanhadas de grandes fotografias. E então, tudo é analisado menos as penosas condições de trabalho que esta classe ainda têm. O seu heroísmo, os seus lobos do mar, o seu sacrifício, todos os predicados que não molestem os seus exploradores, têm larga divulgação. Nas páginas regionais queos mesmos jornais têm, sempre que se trata de portos de pesca ou abrigo, lá vemos estampados os «sagrados» interesses dos pobres pescadores. Os Socorros a Naufragos, sempre deficientes, deitam ao mar uma nova lancha salva-vidas; novos protestos para discursos e artigos com grandes parangonas, demonstrando como os seus interesses se encontram bem entregues e defendidos, como a sua vida é vigiada atentamente, nada tendo por esse lado a recear.

Por todos os lados há quem se interesse pela sua sorte; são os hospícios, as caixas nas capitais, pedindo esmola para os pescadores inválidos, como nas estradas há, ou havia, caixas pedindo para as almas. É toda uma rede de pessoas e instituições várias a velar desinteressadamente pela sua situação. E os pescadores, bons e primitivos, aceitam tudo com uma santa resignação, único modo de ganhar o céu.

Assim, esta classe, pelo interesse que parece merecer aos detentores da fortuna, aos que se dizem possuidores de bom e caritativo coração, devia ser das mais felizes de todas as que trabalham no mar, num esforço nobilitante cuja utilidade é indiscutível. É isso o que se verifica? Não! É isso o que nós iremos examinar com cuidada atenção, verificando ao mesmo tempo o quanto há de falso nesse exhibitionismo que constantemente naquela classe, mais do que em qualquer outra, produz danosos efeitos por nunca os levar ao conhecimento exacto da sua miserável situação.

José Francisco

Como eu penso

...Que o homem quando vem ao mundo, não vem sómente para comer e gosar. Vem para ser útil ao seu semelhante, produzindo, e não para ser na sociedade um verbo de encher ou ainda viver à custa dos outros, como actualmente acontece.

...Que o dinheiro não nos era preciso, sendo-nos em todos os sentidos prejudicial, porque é ele a origem de todas as lutas, de todos os ódios e de todas as ambições.

Que sem ele a sociedade seria mais perfeita, mais sincera, de uma bondade pura, e não pôde como hoje. Praticar-se-hia o bem, simplesmente, modestamente, e não como sempre tem sido, olhando para os lados, para se certificarem, se muita ou pouca gente viu.

Que a esmola, dada assim, nada tem de humano, porque os ricos se a dão é como se a tirassem a um cão, um osso. Os pobres dão-na por luxo.

Que os homens de um ideal puro e sincero, são em todo o mundo os mais perseguidos pela vilania de outros homens.

Que os religiosos, são os maiores hipócritas da sociedade, sendo a todo o transe, preciso desmascara-los, para se apagar do inculto cérebro dos trabalhadores, esta crença, que não deixa ver ao proletariado, a realidade dos factos, para só verem as mentiras da bíblia.

Que o homem dentro do seu país é como um grande pássaro, preso numa grande gaiola, sendo as suas azas, o seu pensamento. Que as cadeias se assemelham a umas escolas onde se sai formado em direito, no crime, sendo os proprios discipulos, autenticos professores.

Que quando o homem atinge a maioridade, vai ser traidor à sua causa, servindo uma madrastra, e aos seus filhos.

Sou acérrimo inimigo do foot-ball, causa do desvio dos rapazes da minha idade, dos seus sindicatos.

Que o sindicato é o melhor baluarte de defesa do operariado, contra os tiros mortíferos do patronato.

Que a união faz a força.

F. S. Viegas

UM MOVIMENTO POPULAR

A introdução do sistema de Jedinolitchiye

A primeira medida contra-revolucionária dos bolxevistas

A acrescentar aos diversos grupos de ambiciosos e aventureiros que entre si disputavam furiosamente o direito de explorar e oprimir as classes produtoras, surgiu, ultimamente na política um novo tão feroz e abominável como os restantes, mas muito mais perigoso do que eles, pela possibilidade que tem tido de deslumbrar as massas populares com a luz que irradiou da grande revolução russa, e na qual o seu principal papel foi o de a extinguir pelos meios mais covardes e revoltantes.

E como para muita gente esse grupo ainda é considerado, não como o assassino, mas sim como o organizador da revolução russa de 1917, e como há ao mesmo tempo também quem mercenariamente se encarregue da desonesta tarefa de propagar tal falsidade, achamos conveniente voltar a transcrever algumas passagens dum trabalho de Alexandre Berkman, no qual ele nos apresenta o papel repugnante desempenhado pelo partido comunista no estrangulamento do grande movimento das massas da Rússia.

Eis algumas passagens desse trabalho, escritas em 1922, mas que têm sempre toda a oportunidade:

O sistema de Jedinolitchiye foi introduzido (directão por uma pessoa). Foi o próprio Lénine o seu criador e principal defensor. Daí por diante os comités de fábricas e de oficinas foram abolidos, despojados de todo o poder. Todas as oficinas, minas, fábricas, caminho de ferro e todas as outras indústrias passaram a ser dirigidas por uma só cabeça, um «especialista», — e a velha burguesia tsarista foi convidada a ocupar esses lugares. Os primitivos banqueiros, correctores de bolsa, proprietários de oficinas e patões de fábricas tornaram-se os dirigentes, com completo controle das indústrias, com absoluto poder sobre os operários.

Foram investidos com autoridade para alugar, empregar e despedir «mãos», para dar-lhe ou tirar-lhes o *payok* (ração de alimento); e ainda de puni-los, e entregá-los à Tcheka. Os operários que tinham lutado, e derramado o sangue pela Revolução, e estavam dispostos a sofrer mais, a gelar e morrer de fome na sua defesa, sentiram profundamente esta inaudita imposição. Consideraram-na como uma autêntica traição. Recusaram-se a ser dominados pelos mesmos proprietários e directores, a quem eles tinham escorraçado nos dias da revolução para fora das fábricas, e que tinham sido tão senhores e tão brutais para eles.

Não tinham interesse em tal reconstrução. O «novo sistema» defendido por Lénine como o salvador das indústrias, resultou na completa paralisação da vida económica da Rússia, impeliu os trabalhadores em massa para fora das fábricas, e encheu-os de amargura e de ódio contra todas as coisas «socialistas».

Os princípios e as tácticas da mecanização marxista da revolução estão confirmando a sua infelicidade.

O erro fanático, de que um pequeno grupo conspirador como ele era, poderia realizar uma fundamental transformação social foi a desgraça dos bolxevistas. Conduziu-os a inúmeros abismos de infamia e de barbarismo. Os métodos inspirados em tal teoria, os seus meios inevitáveis, são de duas espécies: decretos e terror.

Nenhum destes poupou os bolxevistas. Como Bukarine, o dirigente ideólogo dos militantes comunistas, ensinou, o terrorismo é o método pelo qual a natureza humana capitalista é transformada em bolxevista. A liberdade é «um preconceito burguês» (expressão favorita de Lénine), a liberdade da palavra e da imprensa desnecessária, prejudicial. O governo central é o possuidor de todos os conhecimentos e de toda a sabedoria. Fará todas as coisas. O único dever do cidadão é a obediência. A vontade do Estado é suprema.

Despida de belas frases, empregadas especialmente para consumo do Ocidente, esta era, e é, a atitude prática do governo bolxevista. Este governo, o real e único governo actual da Rússia, é constituído por cinco pessoas, membros do círculo interior do Comité Central do partido comunista da

Rússia. Estes «grandes cinco» são omnipotentes.

Este grupo, na sua verdadeira essência conspiradora, tem estado controlando os acontecimentos da Rússia e da revolução desde a paz de Brest-Litowsk. O que tem sucedido na Rússia desde então tem estado em estrita concordância com a interpretação bolxevista do marxismo. Esse marxismo, reflectido através da megalomania da onisciência e onipotência do círculo interior comunista, ocasionou a presente derrocada Rússia.

Em concordância com a sua teoria, os fundamentos sociais da revolução de Outubro foram deliberadamente destruídos. O último objectivo sendo um poderoso Estado centralizado, tendo o partido comunista o absoluto controle, a iniciativa popular e as forças criadoras revolucionárias das massas tinham de ser eliminadas. O sistema electivo foi abolido, primeiro no exército e na armada, depois nas indústrias. Os soviets dos camponeses e operários foram castrados e transformados em comités comunistas obedientes, com a terrível espada de Tcheka sempre suspensa sobre eles. As associações operárias «governamentalizadas», — as suas actividades próprias suprimidas, — foram transformadas em simples transmissores das ordens do Estado. O serviço militar universal, conjugado com a pena de morte para os rebeldes conscientes; trabalhos forçados, com grande officialidade para a prisão e castigo dos «desertores»; recrutamento agrário e industrial dos rurais; comunismo militar nas cidades e o sistema de requisições no campo, classificado por Radek como simples *arresto de cereais* (Correspondência da Imprensa Internacional, edição inglesa, vol. 1, N.º 17); a supressão dos protestos operários por meio do militarismo; o esmagamento do descontentamento dos camponeses com mão de ferro, indo até aos maus tratos, e arrazando as suas aldeias com artilharia. (Nos distritos do Ural, Volga e Kuban, na Sibéria e na Ucrânia) — caracterizou isto a atitude do governo comunista para com o povo, constituiu isto a «política construtiva social e económica» dos bolxevistas.

A pesar-disto os camponeses e operários russos, prezando a revolução pela qual tinham sofrido tanto, mantiveram-se corajosamente lutando nos numerosos «fronts» militares. Eles estavam defendendo a revolução, como pensavam. Passaram fome, gelaram e morreram aos milhares, com a esperança bela de que os comunistas fariam em breve cessar as coisas terríveis. Os horrores bolxevistas eram, dum modo ou doutro — pensava o russo simples — o inevitável resultado dos poderosos inimigos «do estrangeiro» atacando o seu amado país. Mas quando as guerras acabarem — o povo ingenuamente repetia as palavras da imprensa oficial — os bolxevistas voltarão ao caminho revolucionário, em que entraram em Outubro de 1917, e que as guerras os obrigaram a abandonar temporariamente.

As massas esperaram — e mantiveram-se. E, enfim, acabaram as guerras. A Rússia soltou um quasi perceptível suspiro de alívio, alívio palpitando com profunda esperança. Era o momento crítico: a grande experiência tinha chegado. A alma da nação estava ansiosa.

Ser ou não ser? Então veio a completa realização. O povo estava aterrado. As repressões continuavam, cada vez pior. As rapinantes *razvyorstka*, as expedições punitivas contra os camponeses, não afrouxaram no seu trabalho assassino. A Tcheka continuava descobrindo mais «conspirações», as execuções foram tendo lugar como dantes. O terrorismo dominava. A nova burguesia bolxevista tiranizava os operários e camponeses, a corrupção official era enorme e franca, os enormes depósitos de géneros apodreciam em consequência da incompetência dos bolxevistas e do monopólio do estado centralizado — e o povo morria de fome.

Os operários de Leninegrado, sempre na vanguarda de todo o esforço revolucionário foram os primeiros a manifestar o seu descontentamento, e a protestar. Os marinheiros de Cronstadt, depois de investigar as reclamações do proletariado de Leninegrado, declararam-se solidários com ele. Por sua

vez anunciaram que eram pelos soviets livres, livres da coacção comunista, — soviets que deviam na realidade representar as massas revolucionárias, e defender as suas necessidades. Nas províncias do Centro da Rússia, na Ucrânia, no Cáucaso, na Sibéria, e por toda a parte, o povo tornou conhecida a sua vontade, manifestou os seus sofrimentos, informou o governo dos seus pedidos.

O Estado Bolxevista respondeu com o seu usual argumento: os marinheiros de Cronstadt foram dizimados, os «bandidos» da Ucrânia, massacrados, e os «rebeldes» do Leste deitados abaixo com armas de fogo.

Feito isto, Lénine anunciou no X Congresso do partido comunista da Rússia (Março de 1921) que a sua primitiva política não estava certa.

A *razvyorstka*, requisição de alimentos, era puramente roubo. A violência militar contra os camponeses um «erro sério». Os operários precisavam receber alguma consideração. A burocracia soviética é corrompida e criminosa, um monstruoso parasita. «Os métodos que temos usado faliram!» O povo, especialmente a população rural, não está ainda ao nível dos princípios comunistas. A propriedade particular precisa ser introduzida de novo, o comércio livre restabelecido. Dora avante o melhor comunista é o que puder fazer o melhor contracto (expressão de Lénine).

A situação presente na Rússia é muito anómala. Economicamente é uma combinação do capitalismo do Estado e do particular.

Politicamente subsiste a «ditadura do proletariado» ou, mais correctamente, a ditadura do círculo íntimo do partido comunista.

Os camponeses forçaram os bolxevistas a fazer-lhes concessões. As requisições forçadas foram abolidas.

Foram substituídas pelo imposto em espécies, uma percentagem dos produtos do campo indo para o governo. Foi legalizado o comércio livre, podendo o agricultor trocar ou vender o seu superfluo ao governo, às cooperativas restabelecidas ou no mercado franco.

A nova política económica abriu amplamente a porta da exploração. Sancionou o direito de enriquecimento e da acumulação de riqueza. O agricultor pode tirar lucros das suas boas colheitas, arrendar mais terra, e explorar o trabalho dos camponeses, que têm pouca terra, e não tem cavalos com que trabalhar. A diminuição do gado e as más colheitas, nalgumas partes do país, criaram uma nova classe de «jornaleiros» que se alugam aos camponeses remediados. O povo pobre emigra das regiões, onde sofre fome, e engrossa as filas desta classe. O capitalista aldeão está-se a fazer.

O operário da cidade da Rússia hoje, sob a nova política económica, está exactamente na mesma posição do que o doutro qualquer país capitalista. A distribuição livre de alimentos foi abolida excepto em poucas indústrias exploradas pelo governo. O operário tem um salário, e tem de pagar as suas despesas — como nos outros países. A maior parte das indústrias, aquelas que são activas, foram alugadas ou concedidas a particulares. O pequeno capitalista tem agora a mão livre. Tem um largo campo para as suas actividades.

O superfluo do agricultor, o produto das indústrias e das artes aldeãs, e de todas as empresas particulares, estão sujeitos ao processo ordinário do negócio, podem ser comprados e vendidos. A concorrência entre os retalhistas conduz à incorporação e à acumulação de fortunas nas mãos dos indivíduos.

Desenvolvido o capitalismo da cidade e da aldeia não pode por muito tempo coexistir com a «ditadura do proletariado». A anti-natural aliança entre a última e o capitalismo estrangeiro será no futuro próximo um outro factor vital na sorte da Rússia.

O governo bolxevista ainda se esforça por manter a perigosa ilusão de que «a revolução vai progredindo», que a Rússia é «governada pelos soviets proletários», que o partido comunista e o seu Estado estão identificados com o povo. Fala-se ainda em nome de «proletariado».

Procura-se enganar o povo com uma nova quimera. Passado algum tempo — os bolxevistas agora pretendem — quando a Rússia tiver industrialmente ressurgido, por meio da obra do nosso sempre crescente capitalismo, a «ditadura do proletariado» ter-se-há também fortificado, e voltaremos para a nacionalização. O Estado diminuirá então sistematicamente e suplantará as indústrias particulares, quebrando assim o poder da burguesia, desenvolvida no entanto.

«Após um período de parcial desnacionalização uma mais forte nacionalização começa», diz Preobrazhensky, comissário de Finanças, no seu recente artigo. «As perspectivas da nova política económica». Então ficará o socialismo triunfante em todo o «front» Radek é menos diplomata. «Nós, certamente, não queremos dizer», afirma ele na sua análise política da situação russa, intitulada «E a revolução russa uma revolução burguesa?» (L. P. C. 16 de Dezembro de 1921) que no fim do ano confiscaremos de novo os bens acumulados.

A nossa política económica é baseada num mais largo período de tempo... Nós estamos-nos preparando conscienciosamente para a cooperação com a burguesia; isto é, sem dúvida, perigoso para a existência do governo dos soviets, porque perde o monopólio na produção industrial contra os camponeses. Não significa isto a decisiva vitória do sindicalismo? Não podemos então nós falar na nossa revolução, como tendo perdido o seu carácter revolucionário?... »

A estas muito oportunas e significativas respostas responde prazentemente Radek com um categórico Não! E' verdade, sem dúvida, como Marx ensinou, admite ele, que as relações económicas determinam as políticas, e que as concessões económicas à burguesia devem também conduzir a concessões políticas.

Ele lembra que quando a poderosa classe dos proprietários da terra, começou a fazer concessões económicas à burguesia, estas foram em breve seguidas de concessões políticas, e finalmente da capitulação da classe possuidora. Mas insiste que os bolxevistas manterão o seu poder ainda sob a restauração do capitalismo.

«A burguesia é historicamente uma classe decadente, morta... Eis porque a classe trabalhadora (?) da Rússia se pode recusar a fazer concessões à burguesia; isto é justificado na esperança de que o seu poder aumentará nacionalmente e internacionalmente mais rapidamente do que o poder da burguesia russa.»

No entanto, a pesar-de se assegurar autoritariamente que o seu poder cresce nacional ou internacionalmente, o operário russo está em más condições. A nova economia política transformou o proletariado «ditador» num escravo vulgar do salário, como o seu irmão dos países onde predomina a ditadura socialista. O estabelecimento do monopólio do governo nacional teve por consequência atirar para fora das fábricas com centenas de milhar de homens e de mulheres. Muitas instituições soviéticas têm sido fechadas; as restantes têm despedido 50 a 75 % dos seus empregados. O grande influxo para as cidades de camponeses arruinados pelas *razvyorstka*, e dos que fugidos dos distritos esfomeados, produziram o problema do desemprego de resultados ameaçadores. A reviviscência da vida industrial por meio do capital particular é um processo muito lento, devido à falta de confiança geral pelo Estado bolxevista e suas promessas. Mas quando as indústrias principiarem outra vez a funcionar cada vez mais sistematicamente a Rússia enfrentará uma situação muito difícil e complexa. As organizações operárias, as «trade unions» não existem na Rússia, pelo menos no que diz respeito às legítimas actividades de tais corporações. Os bolxevistas já as aboliram há muito tempo. Com o desenvolvimento da produção e do capitalismo, tanto governamental, como particular, a Rússia verá nascer um novo proletariado, cujos interesses devem naturalmente entrar em conflito com os da classe patronal. Uma luta mais amarga está iminente. Uma luta de natureza du-

(Continúa na 7.ª página)

SESSÕES SOLENES

O Sindicato do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Comemorando o seu 20.º aniversário realizou-se no passado domingo, 2 do corrente uma sessão solene estando representado vários organismos operários.

Um membro da Direcção salienta o fim daquela sessão, congratulando-se com a presença de tantos organismos para comemorar a sua data festiva.

O delegado dos Pasteleiros e Confeiteiros saudando a classe apresenta a solidariedade da sua num esforço de união proletária, seguindo-se nesta ordem de ideias os delegados dos Serventários da Alfândega de Lisboa e Pintores da Construção Naval.

O delegado dos Funcionários da A. P. de L. saudando a classe congregate manifestando o desejo da sua classe dum entendimento que possa ser útil a ambas para vitalisarem-se e poderem vingar as suas reivindicações.

O delegado dos Arsenalistas de Marinha que apresentando as saudações, entra numa apreciação ao estado atual do capitalismo preconizando um desenvolvimento do espírito de classe frente à luta encetada, flagelando a educação burguesa, e termina defendendo a redução da jornada de trabalho e uma atualização dos salários para obstar à «chômaje».

O delegado dos Ferroviários da C. P. apresenta as suas saudações salientando o significado destas festas. Defende uma educação livre e crítica a ideia dum subsídio à invalidez, refutando-o nesta altura o camarada Marinho, concluindo contudo as suas considerações.

O delegado dos Fragateiros filia as coisas da situação do operariado também aos militantes sindicais, exultando as vantagens para as classes dos transportes da criação da Federação dos Transportes e de militantes novos.

O delegado do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa defende a união destas duas classes, justificando as razões que obrigaram à sua separação pela coação de certos traidores, achando-se satisfeito por caminharem num sentido proletário, defendendo um subsídio na invalidez.

O delegado dos Estivadores do Porto de Lisboa saudando a classe em festa, desejando uma união entre todos os trabalhadores.

O delegado do Sindicato do Arsenal do Exército salienta que os dias festivos de hoje são dias de propaganda. Defende um subsídio na invalidez atenuado espraiando-se em várias considerações sobre o desemprego.

O delegado da comissão Inter-Sindical congratula-se por estar presente o elemento feminino. Explica a função da comissão Inter-Sindical a defeza do horário do trabalho; ataca as horas suplementares. Critica o movimento operário de há 35 anos que era colaboracionista. Exalta a figura de Ferrer.

O delegado da Camara Sindical de Trabalho de Lisboa, salienta o ambiente sereno em que tem decorrido aquela sessão e apresenta as reivindicações daquele organismo: redução da jornada de trabalho e unificação dos salários. Apreciando o estado atual do capitalismo e as características das reivindicações proletárias no sentido anti-capitalista e revolucionário. Critica a opinião da evolução pelas lutas sangrentas julgando que Revolução é um aspecto da Evolução estabelecendo o paralelo entre Evolução natural e evolução acelerada.

Joaquim Alfarrá, membro da classe, apresenta as despedidas por se ter reformado. Pede à imprensa que registre que atacou a Administração do Porto de Lisboa por mandar para bordo pessoal que pertence ao cais em prejuízo doutro pessoal.

Alexandre Marques deseja ver uma união de todas as classes da Exploração do Porto de Lisboa.

O delegado da Federação de Transportes que presidia, encerra a sessão atacando de frente as calúnias da burguesia contra aquele organismo.

.....

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

UM MOVIMENTO POPULAR

A introdução do sistema de Jedinolichiye

(Continuação da 6.ª página)

pla contra o capitalismo particular, e contra o estado como patrão do proletariado. E' ainda provável que a situação se desenvolva noutro sentido: antagonismo dos operários empregados na indústria do Estado e os operários mais bem pagos das empresas particulares. Qual será a atitude do governo bolchevista?

O objectivo da nova política económica é animar, de todo o modo possível, o desenvolvimento das empresas particulares, e acelerar o crescimento do industrialismo. Oficinas, minas, fábricas, foram já concedidas aos capitalistas. As reclamações do proletariado tem uma tendência para reduzir os lucros; eles intervêm no processo ordinário do negócio.

E com referência a greves, elas impedem a produção, e paralizam a indústria. Não devem ser declarados solidários na Rússia bolchevista os interesses do Capital e do Trabalho?

As explorações industriais e agrícolas da Rússia, sob a nova política económica, devem inevitavelmente conduzir ao desenvolvimento dum poderoso movimento operário. As organizações operárias unirão e solidificarão o proletariado da cidade com o campo, e os pobres, nas reclamações comuns de melhores condições de vida. Da presente época do operário russo, agora enriquecido pelos seus quatro anos de experiência do regime bolchevista, pode-se afirmar com muitas probabilidades, que o movimento operário da Rússia se desenvolverá segundo as táticas sindicalistas. E' forte o sentimento entre os operários russos. Os princípios e os métodos do sindicalismo revolucionário são lhes familiares. O trabalho efectivo dos «comités» de fábricas e oficinas, os primeiros a iniciarem a expropriação industrial da burguesia em 1917, é uma inspiradora recordação ainda fresca no espírito do proletariado. Mesmo no próprio partido comunista, entre os seus elementos operários, a ideia sindicalista é popular. A famosa oposição operária, dirigida por Shliapnikov e Alexandra Kolontay dentro do partido é essencialmente sindicalista.

Que atitude tomará o governo bolchevista perante o movimento operário a desenvolver-se na Rússia, quer seja no todo ou em parte sindicalista? Até agora o Estado tem sido o inimigo mortal do sindicalismo operário dentro da Rússia, enquanto o encoraja rotundamente nos países. No X.º Congresso do partido comunista russo (Março de 1921) Lenine declarou guerra sem tréguas contra o mau sintoma das tendências sindicalistas, e ainda a discussão das teorias sindicalistas foi proibida aos comunistas, sob pena de exclusão do partido. (Ver relatório oficial X.º Congresso).

Um certo número de membros de oposição operária foram presos e condenados. Não se deve levemente afirmar que a ditadura comunista poderia resolver satisfatoriamente os difíceis problemas originados por um movimento operário sob a autocracia bolchevista. Eles envolvem princípios de centralização marxista, o funcionamento do comércio ou das uniões industriais independente do governo onipotente, e a oposição activa do capitalismo particular. Mas não somente com os pequenos e grandes capitalistas terão em breve os operários da Rússia de lutar. Fá-lo hão também com o próprio Estado capitalista.

Para se compreender correctamente o espírito e o carácter da fase presente bolchevista, é necessário considerar que a chamada «nova política económica» não é propriamente nem nova nem económica. E' velho marxismo político, a fonte exclusiva da ciência bolchevista. Como social-democratas, eles conservaram-se fieis à sua bíblia. Somente num país, onde o capitalismo esteja o mais altamente desenvolvido se pode realizar uma revolução social—esse é o ponto principal da fé marxista. Os bolchevistas estão quasi a aplicar isto na Rússia. Na verdade, nos dias da revolução de outubro eles desviaram-se repetidamente do direito e estreito atalho marxista. Não porque eles duvidassem do profeta. De forma alguma. Pelo contrário, Lenine e o seu grupo, os oportunistas políticos, foram forçados pelas irresistíveis aspirações populares a seguir um verdadeiro caminho revolucionário. Mas estiveram sempre agarrados às fraldas de Marx, procurando toda a oportunidade para dirigir a revolução no caminho marxista.

Como Radek ingenuamente nos recorda «já em abril de 1918, num discurso do camarada Lenine, o governo dos soviets tentou definir as próximas tarefas, e indicar o caminho que nós agora designamos como nova política económica». (L. P. C. Vol. 1, n.º 17).

Significativo aviso! Na verdade, a presente política bolchevista é a continuação do bom marxismo bolchevista ortodoxo de 1918. Os «leaders» bolchevistas admitem agora que a revolução, no seu desenvolvimento depois de outubro, foi somente política, não social. A centralização mecânica do Estado comunista—isto deve ser lido com ênfase—foi fatal à vida económica e social do país.

A ditadura violenta do partido destruiu a unidade de operário e dos camponeses, e criou uma situação artificial e burocrática perante a reconstrução revolucionária. A completa negação da liberdade de palavra e de crítica, não somente para as massas mas também para os adeptos do próprio partido comunista, teve como resultado o seu esfacelamento através dos seus próprios erros.

E agora? O marxismo bolchevista continua na pobre Rússia. Mas é monstruosamente criminoso prolongar esta Comédia sangrenta de Erros. A construção comunista não é possível ao lado dum capitalismo raquítico, artificialmente desenvolvido. Esse capitalismo não pode nunca ser destruído—como Lenine & C.ª pretendem acreditar—pelo processo regular do Estado bolchevista tornando-se economicamente cada vez mais forte. A «nova» política é por isso uma ilusão, fundamentalmente reaccionária. Isto mesmo cria a necessidade dum outra revolução.

Deve a humanidade torturada percorrer sempre o mesmo círculo vicioso? Ou aprenderão, pelo menos os operários a grande lição da revolução russa que todo o governo, qualquer que seja o seu nome e promessas, é pela sua própria natureza, como governo, destruidor de todos os propósitos da revolução social? E' missão do governo governar, submeter, robustecer-se e perpetuar-se. E' já tempo de os operários aprenderem que só os seus próprios esforços organizadores e criadores, livres da interferência política e do Estado, podem contribuir para que triunfe finalmente a secular luta pela sua emancipação.

PELOS MINEIROS

O que se passa na mina de São Domingos e de Aljustrel

Há semanas veio a Lisboa uma comissão de mineiros, de Aljustrel e de S. Domingos, com o fim de se encontrar com quem de direito que intervém nas condições de trabalho e de segurança nas minas.

Uma das reclamações consistia nos revesamentos da contra-mina, em S. Domingos, que não se prolongavam em toda a galeria subterrânea, havendo sítios despidos do madeirame e dos enchimentos, necessários a obstar às derrocadas.

Pela pasta do Comércio foi determinado um imediato e rigoroso inquérito às condições de segurança dos mineiros. Pedia o respectivo sindicato que sempre que na contra-mina se fizessem vistorias por engenheiros delegados do governo, fossem estes acompanhados por dois mineiros dos mais conhecedores da mina e condições em que se efectua o trabalho, indicados por aquele organismo.

Essa vistoria foi já realizada, mas sem a comparência dos delegados operários. Logo que o delegado do governo retirou de S. Domingos, talvez apenas horas depois, as esperadas derrocadas produziam-se no fundo da mina. Não se produziram desastres pessoais, porque os operários, de sobre-aviso como estavam, puderam fugir a tempo de não serem colhidos.

Mero acaso, certamente, pois não é a primeira vez que apesar de a prévia advertência operária, se verificam desastres em que mineiros são colhidos.

Estes factos demonstram o desprezo que a respectiva Empresa exploradora tem pela vida dos que do sub-solo extráem tanta riqueza.

Mas não é só isto que traz descontente a classe mineira de S. Domingos. Há tempos, para aliviar um pouco a sua miséria, a classe mineira reclamou um aumento de salário. Em vez desse aumento, a Empresa estabeleceu um aumento, a título de subsídio, de 5 % nos salários.

Este subsídio duraria enquanto subsistisse a carestia da vida. E sem que o custo da vida baixasse, no preciso momento em que ameaçavam e se produziram as derrocadas, que só por acaso não vitimaram mineiros, é que a Empresa retirou esse subsídio.

Reunidos no respectivo sindicato, os mineiros deliberaram não baixar à mina sem que, antes, a Empresa convertesse o «subsídio» em aumento de salário, além de outras medidas de defesa dos mineiros.

Posteriormente, porém, deliberaram que a recusa de baixar a contra-mina faz-se apenas de algumas horas, como protesto contra a supressão do referido subsídio.

Pelas últimas notícias que temos daquela longínqua localidade, à hora a que escrevemos, parece que a causa desta resolução se filia no facto de faltar homogeneidade no movimento por parte de todos os mineiros.

A Aljustrel foi também um engenheiro-delegado do governo, e, ao que nos referem dali, é a primeira vez que tal facto se verifica. Mas a respectiva Empresa, ao ter conhecimento de que as minas seriam visitadas deu-se pressa em mandar proceder a certas limpezas e arranjos. Uma das coisas que fez foi mandar empedrar algumas bocas de galerias transversais, cujas condições interiores eram horripilantes, para que o engenheiro delegado do governo não as visasse—facto que, parece, não passou despercebido àquele engenheiro.

NOS ESTADOS UNIDOS

A imigração na América do Norte

As medidas de restrição da imigração nos Estados Unidos, aprovadas na última sessão do congresso, reduziram esta em 30 %.

No mês último o número total de imigrantes admitidos na América do Norte foi de 17.792 contra 28.002, no mesmo período do ano anterior.

.....

Lêr e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

«A BATALHA»

é o jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores,
que melhor informa os seus leitores, mais se preocupa com os PROBLEMAS DO TRABALHO e mais atenção dedica à EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A BATALHA

ASSOCIATION INTERNATIONALE DES TRAVAILLEURS
INTERNATIONAL ASSOCIATION OF WORKING MEN
ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DEI LAVORATORI

Um documento

(Continuação da 3.ª página)

a organização portuguesa e a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha. Apenas se sabe que os delegados foram providos de uma importância estritamente indispensável para uma curta demora. Nessa altura o cofre da C. G. T. estava muito precário, quanto a fundos. Por tal motivo, foram dadas instruções aos delegados para não alargarem a sua permanência naquele país. Também há a recordação de que nessa altura, fins de ano, o próprio comité estava bastante preocupado com a carencia de fundos para a aquisição de expediente de cobrança para o ano que se aproximava.

Esta missão realizou-se em Dezembro de 1923 e foi prolongada até Fevereiro de 1924 por causa da reacção espanhola os ter encarcerado, poucos dias depois de os delegados terem chegado a Sevilha, onde os conservou durante dois meses, naquela situação. (doc. n.º 6).

Não consta que se tivesse prestado — por parte da organização portuguesa — qualquer auxílio financeiro aos cativos da reacção espanhola; toda a solidariedade a eles prestada na prisão, foi feita pela C. N. T. (Espanha). Apenas se sabe que a C. G. T. auxiliou as famílias dos presos, durante todo aquele tempo.

4.º — Está averiguado que a delegacia ao pleno da A. I. T. entregue a M. J. de Sousa e que reuniu em Paris em 1926, orçou por uns dois mil escudos (doc. n.º 7), conforme o testemunho do Tesoureiro dessa época — Carlos José de Sousa, que também afirma, que foram apresentadas contas e justificadas, logo que o camarada Sousa regressou de França.

Porém, Joaquim de Sousa diz que esta missão foi considerada arbitrária, por ter sido a sua nomeação feita simplesmente pelo Comité, sem conhecimento do Conselho Confederal. No entanto, acrescenta que nas mesmas condições, tinha sido feita a nomeação do delegado à Rússia, confiada a Perfeito de Carvalho.

Conven frizar que a delegacia ao pleno da A. I. T. foi também extensiva a uma reunião de camaradas exilados de Espanha, que se efectuou em Marselha, sendo o nosso delegado incumbido, também, dessa missão em face dum convite dimanado do Comité de Relações dos emigrados espanhóis, visto que esses camaradas eram membros da C. N. T. e no seu espírito integrados e com os quais se impunha à Central Operária Portuguesa estabelecer relações. Essa reunião efectuou-se dias antes do pleno da A. I. T.

Antes de terminar, julgo do nosso dever deixar aqui expressado a opinião do camarada João Antunes, elemento do Sindicato dos Manufactores de Calçado, que procurado por nós para nos elucidar até que ponto concreto baseava as suas acusações feitas numa assembleia do seu Sindicato contra o camarada M. J. de Sousa, aquele camarada declarou que nunca teve o menor intuito de emporcalhar a vida de quem quer que seja, e quando apontou os casos que constam no officio do seu Sindicato, foi baseado em informações a ele feitas por Santos Arranha.

No entanto afirma que é seu desejo que tais acusações não passem de calúnias. Por que lhe não move o intuito ou o interesse (e político ainda menos, visto o não ser) em que perdue tal calúnia, porque no fundo não é inimigo de Sousa. Pretende apenas que se esclareça a verdade. E se as suas suspeitas de má conduta contra M. J. de Sousa tomaram vulto no seu espírito, isso deve-se ao facto de na ocasião em que se levantou a questão no seu Sindicato o acusado não se apressar a desmentir as acusações que lhe eram feitas, e ainda mais convencido ficou, de nessa ocasião, Sousa ter deixado de lhe falar.

(Continúa no próximo número)

O valôr nos simples soldados é um officio perigoso, que aproveitaram para ganhar a

EM ALEMBALA DE BAIXO

E' precisa uma escola e uma caixa de correio

Camaradas desta localidade escrevem-nos pedindo que pugnem pela criação, naquela localidade, duma escola e duma caixa do correio. A primeira é precisa sem demora, porque as crianças para receberem a instrução elementar têm de ir três quilómetros de distancia. Constituiu-se uma comissão para angariar fundos, destinados à construção dum edificio escolar.

Mas, como sempre succede, há quem se desinteresse disso, resultando daí um prejuizo avultado para as crianças desta localidade. A comissão composta por Manuel Joaquim Ferreira, Luis Duarte, Salvador Ferreira, tem trabalho persistentemente, procurando demover os renitentes, os que dão tudo para a igreja e nada para as coisas úteis.

Quanto à caixa é também uma necessidade instante. Para avaliar dessa necessidade bastará saber-se que para recebermos o correio, temos de ir a três quilómetros de distancia. Imagine-se por este facto quanto é necessária a dita caixa.

Insistimos no assunto, pela sua importância local.

DE EVORA

Constituição dum Sindicato de Cantoneiros

Acaba de se constituir no distrito de Evora uma comissão organizadora da Associação da classe dos cantoneiros das estradas do respectivo distrito. Esta comissão tem vontade de organizar toda a classe dos cantoneiros do país, chamando para esse facto a atenção de todos os camaradas da mesma classe. Vai realizar a sua primeira reunião no dia 1 de Dezembro do corrente ano, na sede da União dos Sindicatos Operários de Evora. Pede-se a adesão de todos os camaradas do país devendo fornecer todas as indicações necessárias. A correspondência pode ser dirigida a Francisco Delgado para entregar a Manuel Tomaz Barreto — Arraiolos.

Associação dos Compositores Tipográficos

A Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa comemorou no passado dia 2 a passagem do seu 27.º aniversário de fundação.

Realizou por esse motivo, uma sessão solene à qual presidiu Basílio das Neves, secretariando os representantes da Federação do Livro e do Jornal e da Associação dos Impressores Tipográficos.

Vários oradores fizeram uso da palavra, sendo historiada, por algum deles, a vida associativa daquele organismo nos seus 27 anos de actividade, aludindo aos seus movimentos sindicais, às suas lutas e às fases destas mais características. Foram ainda, recordados vários militantes da classe, que, com a sua incansável actividade, deram prestigio à Associação elevando o nível moral da classe, dando-lhe unidade de acção e pugnando, em todos os tempos para um maior e mais constante acção.

A noite José Augusto Machado fez uma conferência, substituindo o Dr. Brito Camacho, que não pôde fazer a que tinha sido anunciada, porque uma doença súbita disso o impediu.

José Augusto Machado tratou as Internacionais e o aspecto económico dos trabalhadores, desenvolvendo os seus pontos de vista sobre a matéria em questão.

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

VIDA SINDICAL

Comissão Inter-Federal

Reuniu com a presença de 9 organismos federativos tendo tomado as seguintes resoluções:

1.º — *Apreciando a situação de A Batalha resolveu nomear uma Comissão com o fim de estudar o melhor modo de levar à prática várias actos de auxilio ao nosso jornal.*

2.º — *Apreciou, também a campanha que determinados elementos políticos vem fazendo contra a organização operária integrada neste organismo, tendo tomado diversas resoluções atinentes a pôr um dique à traiçoeira obra que se vem fazendo contra os interesses dos trabalhadores. Nesse sentido aprovou a seguinte moção:*

Considerando que a campanha defecista que há tempos se vem desenvolvendo contra a C. G. T., está assumindo um caracter grave, cujos resultados se estão fazendo sentir na organização integrada na mesma, de uma forma pela qual se verifica o propósito firme de inutilizar, a nossa, bem como aos seus militantes;

que se torna imprescindível e urgente acabar com este estado de coisas, por uma forma enérgica que esclareça atitudes e defina posições de maneira que a organização confederal, pondo os pontos nos ii, destrua duma vez para sempre a campanha infame que se está fazendo;

que esta acção se deve manifestar duma forma ininterrupta e persistente para a qual é necessário, também, organizar o trabalho defensivo e de esclarecimento dos princípios e taticas da C. G. T.

O Conselho Confederal, reunido em 31 de Outubro de 1930, resolve:

1.º — Exercer imediatamente por meio da imprensa confederal uma obra de esclarecimento, sob todos os pontos de vista, em que a organização é atacada.

2.º — Nomear uma comissão para, de accordo com o Comité Confederal, pôr em prática todo o trabalho necessário de modo que seja esclarecida toda a obra que se vem fazendo contra a C. G. T. e seus militantes.

Apreciou, por fim, expediente do Sindicato da Construção Civil de Reguengos de Monsaraz, Mineiros de S. Domingos, Rurais da Fronteira e de Vila Real de Santo António, sendo resolvido consolar as suas informações e os assuntos a tratar.

Apreciou, ainda expediente da A. I. T. sobre o próximo Congresso Internacional e um officio da Associação do Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Loução Marques.

Tratou, também, do expediente para o próximo ano.

Aos Sindicatos e Federações

A todos os organismos operários aderentes à Comissão Inter-Federal, lembramos a necessidade e a conveniência de mandarem na devida altura, para o nosso jornal, os comunicados das suas assembleias ou outros actos a que seja necessária fazer referência.

Esperamos que não se esqueçam de o fazer.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.

Secretariado — Na reunião, efectuada, na passada quarta-feira, foi resolvido convidar por meio de A Batalha os sindicatos gráficos aderentes a enviarem os seus comunicados para o órgão federal. O Gráfico lembrando-lhes a responsabilidade, que estes constantes adiamentos só a esses sindicatos cabem pela pouca consideração em que têm tido as exortações da Federação em escreverem. Outrossim, foi resolvido convidar os mesmos sindicatos e ainda por intermédio deste jornal a não demorem as respostas à circular da Federação sobre salários mínimos e estatística de desempregados.

Fôram ainda resolvidos outros assuntos de carácter interno.

Sindicato Unico Mobiliário. — Reuniu na quarta-feira a comissão admi-

nistrativa em conjunto com a comissão angariadora de donativos pró-cofre sindical, apreciando a maneira como foram compreendidos os apêlos feitos à classe. Verificou-se mais uma vez que os operários mobiliários não deixam desaparecer o seu organismo de luta, pois que o seu desaparecimento implicava o cerceamento de todas as regalias que temos conquistado a tróco de muito sacrificio.

Foi resolvido enviar umas circulares às oficinas em que é exposta a vida do nosso sindicato, e umas listas para as oficinas que ainda não contribuíram. Qualquer camarada que queira contribuir ou levar uma lista pode dirigir-se à sede do sindicato todos os dias das 19 horas em diante.

Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa — Secção profissional dos Mecânicos em Madeira.

Para se tratar da reorganização desta secção, são convidados os camaradas Mecânicos em madeira, a reunirem em sessão magna, devidamente autorizada, reunião esta que se efectua na próxima 4.ª feira 12 do corrente pelas 21 horas na sede deste sindicato, Travessa da Agua de Flor n.º 16-1.º.

Por se tratar de assunto que grandemente interessa a todos os Mecânicos em madeira esperamos que acorrerem à sessão.

Federação do Ramo de Alimentação.

Reuniu a comissão executiva, ocupando-se de vários trabalhos que muito interessam o desenvolvimento desta Federação. Apreciou diversos officios de Sindicatos da Alimentação, uns pedindo explicações, outros comunicando terem nas suas assembleias gerais votado a sua adesão a esta Federação, e pedindo que lhe sejam fornecidos nomes de delegados para os representar no conselho.

Sobre o dos Artistas Confeiteiros do Porto foi resolvido enviar nomes dos delegados, e aos restantes, officiar sobre os assuntos que tratam.

Esta Federação pede a todos os sindicatos da Alimentação que receberam circulares, que respondam com urgência ao conteúdo das mesmas, porquanto da demora das respostas dependem as resoluções que, com urgência, o conselho federal tem de tomar.

Ocupou-se, ainda, do officio dos manipuladores de Lisboa, ratificando a sua adesão, e nomeando delegados ao conselho os camaradas José Marques Teixeira, Herminio Alexandre e Carlos Marques Teixeira.

Entende esta comissão que os sindicatos que já deram a sua adesão, devem começar desde já a requisitar o expediente e todas as explicações que julguem necessárias sobre quaisquer trabalhos.

Convocação

Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa. — Esta classe reúne no próximo domingo 9 em sessão magna, pelas 9 horas da manhã, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciar as resoluções tomadas pela Direcção.

2.º — Dar conhecimento dos delegados nomeados para fiscalização do horário de trabalho.

3.º — Nossa adesão a C. S. T. de Lisboa. Saúde e emancipação.

Pela Direcção
André dos Santos

MARCO POSTAL

Coimbra — A. J. S. Martins — Impossível publicar o que mandou. De futuro mande de mais curto e escrito dum só lado.

Alferrarede — Q. — Não tem sido possível escrever-te. A nota não saíu, porque saíndo na V. O. Aqui não seria necessária. Manda original.

Messines-Alte. — Manuel Inácio Costa. — Mandámos recibo da sua assinatura à cobrança.

Elvas. — Custódio Lobo Silveira. — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 8.

Borba. — Joaquim António Armário. — Segue carta com recibo.